

**PROJETO DE FORMAÇÃO
E DISSEMINAÇÃO DO USO
CONSCIENTE DAS CADERNETAS
AGROECOLÓGICAS NO
ÂMBITO DO PROJETO VIVA
O SEMIÁRIDO (PVSA)**

PRIMEIROS RESULTADOS

The background of the page is a collage of various textures and colors. It features several hands in different shades of brown and tan, some holding a white notebook. There are also abstract shapes, including a blue flower-like shape with a green center, a red shape with yellow dots, and a purple shape with green lines. Small starburst icons in red, orange, and green are scattered around the text.

**PROJETO DE FORMAÇÃO
E DISSEMINAÇÃO DO USO
CONSCIENTE DAS CADERNETAS
AGROECOLÓGICAS NO
ÂMBITO DO PROJETO VIVA
O SEMIÁRIDO (PVSA)**

PRIMEIROS RESULTADOS

Autor(a)
Julia do Rego Aires

Revisor(a)
Maria da Conceição de Souza Santos

Capa e Diagramação
Leo Magalhães

Organização
Instituto Ubiqua

Supervisão
Jessé Barbosa

Coordenação de Comunicação
Graciele Barroso

Coordenação Projeto de Gestão de Conhecimento
Eulália Teixeira de Vasconcelos

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Larissa Andrade CRB – 3/1179

A298p Aires, Julia do Rego.
Projeto de formação e disseminação do uso consciente das cadernetas agroecológicas no âmbito do Projeto Viva o Semiárido (PVSA) [livro digital]/ Julia do Rego Aires. – 1. ed. – Teresina: Tiuto Comradio do Brasil, 2021.
47 p.: il. color.: e-book

ISBN 978-65-993838-2-3

1. Agricultura 2. Agroecologia 3. Projeto Viva o Semiárido I. Título

Todos os direitos reservados. De acordo com a Lei nº. 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma, por meio eletrônico ou mecânico, sem prévio consentimento do autor.





Sumário

1 – Cadernetas Agroecológicas.....	5
2 – O Projeto Viva o Semiárido	7
3 - Projeto de Formação e Disseminação do Uso Consciente das Cadernetas Agroecológicas	9
3.1 - PIAUÍ: Seis Primeiros Meses de Anotações: Números e Cenário.....	9
3.2- Dos Números às Letras: O Inventário da Produção das Agricultoras do Semiárido Piauiense.....	19
3.3 - Das Áreas de Produção Para a Mesa e/ou Circuitos Curtos de Comercialização.....	27



PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO – PVSA

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
Wellington Barroso de Araújo Dias
Governador

SECRETARIA DA AGRICULTURA FAMILIAR
Patrícia Vasconcelos Lima
Secretária

SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL
Francisco das Chagas Ribeiro Filho
Superintendente
Coordenador Projeto Viva o Semiárido

FUNDO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA – FIDA
Claus Reiner
*Diretor País e Chefe do Centro de Conhecimento e de Cooperação Sul-Sul
e Triangular Divisão da América Latina e Caribe*

Hardi Vieira
Oficial de Programas para o País

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA- IICA
Gabriel Delgado
Representante do IICA no Brasil

PROJETO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA PCT IICA/VIVA O SEMIÁRIDO
Renato Felipe Veras de Carvalho
Supervisor

Evandro Carlos Miranda Cardoso
Coordenador de Enlace no Piauí

CARTILHA AGROECOLÓGICAS
Julia do Rego Aires (Consultora PCT IICA/PVSA)
Autoria





1. CADERNETAS AGROECOLÓGICAS¹

1. Cadernetas Agroecológicas um instrumento político-pedagógico. Disponível em: <https://ctazm.org.br/bibliotecas/cartilha-cadernetas-agroecologicas-267.pdf>. Acesso em: 29/06/2020.



As Cadernetas Agroecológicas foram criadas, a princípio, como instrumento de formação, pela equipe do Programa Mulheres e Agroecologia, do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), juntamente com as agricultoras da região. Devido à situação de submissão e de invisibilidade na qual elas viviam, decidiu-se criar a Caderneta para que essas mulheres pudessem registrar todo o seu trabalho no quintal e também a sua produção de artesanato e assim conseguissem visualizar o trabalho que realizavam diariamente.

Desenvolvida de maneira coletiva, com o apoio de uma rede de organizações do campo agroecológico e feminista (do Norte, Nordeste, Sul e Sudeste), a Caderneta Agroecológica é um instrumento político-pedagógico que busca dar visibilidade ao debate de gênero no meio rural, contribuindo para a discussão feminista em relação às condições que as mulheres agricultoras se encontram. Além de mensurar e dar visibilidade ao trabalho dessas mulheres, a caderneta também fortalece a sua autonomia.

Apresentada em formato simples, ela possui quatro colunas para organizar as informações sobre a produção. Ou seja, nela são registrados o que foi vendido, o que foi doado, o que foi trocado e o que foi consumido de tudo o que é cultivado nos quintais produtivos e/ou espaços de domínio das mulheres nas propriedades. Entre os principais objetivos da Caderneta, estão: ser um instrumento simplificado para a mensuração da produção das mulheres; sistematizar os resultados econômicos, monetários e não monetários, do trabalho das agricultoras familiares



e camponesas; dar visibilidade à contribuição das agricultoras na manutenção da unidade produtiva, promovendo a agroecologia, a segurança alimentar e nutricional e a geração de renda.

2. O Projeto Viva o Semiárido

O Projeto Viva o Semiárido (PVSA) resulta do Acordo de Empréstimo Nº I-788-BR, desenhado para ser executado na região do semiárido piauiense no período compreendido entre 2013 e 2020 em cinco territórios e 89 municípios do estado do Piauí.

Tem como objetivo global contribuir para reduzir a pobreza e os níveis de extrema pobreza da população rural – homens, mulheres e jovens, que vivem na região do semiárido piauiense –, melhorando a renda agrícola e não agrícola, as oportunidades e os ativos produtivos das famílias rurais do semiárido.

Como estratégias operacionais, estão: a melhoria do acesso de produtores carentes ao mercado e à cadeia de valor, fornecendo-lhes adequada assistência técnica e recursos financeiros, e fortalecendo sua organização social e produtiva;



fortalecimento da capacidade da população focal, especialmente a dos jovens, para gerar renda e acesso aos mercados de trabalho, por meio da disseminação de conhecimentos relacionados ao ambiente semiárido, bem como a promoção do ensino técnico e profissional, reforçando capacidades e as competências rurais-chaves para desenvolver os sistemas de assistência técnica e elaborar e implementar políticas de desenvolvimento rural na região do semiárido.

Com o propósito de atingir seus objetivos, o Projeto está estruturado em quatro componentes: 1) Desenvolvimento Produtivo; 2) Desenvolvimento Social e Humano; 3) Fortalecimento Institucional; e 4) Unidade Gestora do Projeto e Sistema de M&A.

O público prioritário da ação do Projeto são as Associações Comunitárias de Agricultores/Agricultoras familiares e, dentre essas, o público formado por quilombolas, jovens e mulheres.

São priorizados sete arranjos produtivos: 1) Apicultura; 2) Ovinocaprinocultura; 3) Cajucultura; 4) Piscicultura; 5) Quintais Produtivos; 6) Mandiocultura; e 7) Artesanato.

3. Projeto de Formação e Disseminação do Uso Consciente das Cadernetas Agroecológicas

O Projeto de Formação e Disseminação do Uso Consciente das Cadernetas Agroecológicas, proposto pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), Programa Semear Internacional (PSI) e Grupo de Trabalho Mulheres da



Articulação Nacional de Agroecologia (GT de Mulheres da ANA)¹, em articulação com os Projetos apoiados pelo FIDA no Brasil, visa difundir o uso desse instrumento político-pedagógico entre grupos produtivos de mulheres de diversos estados do Nordeste, proporcionando visibilidade a esse trabalho, por meio do aferimento de suas produções.

Gestado coletivamente a partir do Grupo de Trabalho Gênero dos Programas do FIDA, o Projeto de Uso das Cadernetas Agroecológicas vem sendo executado desde julho de 2019, tendo como ponto de partida a capacitação de multiplicadoras/es (técnicos/as e agricultoras) dos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Piauí e Sergipe, representando, respectivamente, os projetos de desenvolvimento Dom Helder Câmara (PDHC), Pro Semiárido, Paulo Freire, PROCASE, Viva o Semiárido e Dom Távora, todos eles financiados por FIDA.

A meta inicial previa 150 mulheres por projeto, fazendo anotações diárias pelo período de um ano, do que é consumido, doado, trocado e vendido, devidamente acompanhadas por instituições de assessoria técnica.

3.1 PIAUÍ: Seis Primeiros Meses de Anotações (Números e Cenários)

No Piauí, a capacitação das multiplicadoras foi sucedida pela formação dos grupos produtivos, sendo que as anotações começaram efetivamente em setembro. A estratégia inicial previa a participação de dez grupos produtivos de mulheres, definidos conforme critérios específicos², todos eles apoiados pelo PVSA, representando os cinco Territórios de Desenvolvimento onde o Projeto é executado, perfazendo o total previsto de 150 mulheres, envolvendo o acompanhamento de três instituições de Assistência Técnica Sistemática (ATS).

¹ O referido Projeto conta, ainda, com o apoio as do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e do GT Gênero dos Programas do FIDA.

² Grupos produtivos formados só por mulheres (AMAI, AMOR, AMPPEPI e Serra do Inácio); grupos produtivos mistos, mas com maioria de mulheres (Amarra Negro, APASPI, Canto Fazenda Frade, Carnaibas, Fornos, São José dos Cocos e Tapuio), grupos produtivos cujo plano de investimento ou uso de rendimentos são de apoio e/ou fortalecimento aos quintais (AMAI, AMPPEPI, APASPI e Fornos).

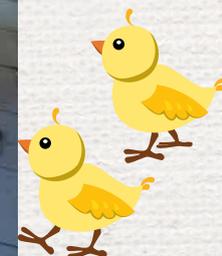


QUADRO 1

Estratégia inicial do Uso das Cadernetas Agroecológicas no PVSA

TERRITÓRIO	MUNICÍPIO	GRUPO PRODUTIVO	ATS	Nº
Serra da Capivara	São Raimundo Nonato	APASPI	COOTAPI	10
Vale do Canindé	Oeiras	Canto Fazenda Frade	EMATER	10
	Bela Vista do Piauí	Amarra Negro		10
		Carnaíbas	10	
	Vale do Guaribas	Picos	Fornos	EMPLANTA
AMPPEPI			EMATER	40
Itainópolis		AMAI	EMPLANTA	20
Vale do Itaim	Betânia do Piauí	Serra do Inácio	EMATER	10
Vale do Sambito	Ipiranga do Piauí	AMOR (Jardim)	COOTAPI	10
		São José dos Cocos		10
TOTAL				150

Fonte: PVSA, 2019



QUADRO 2

Formação para Uso das Cadernetas Agroecológicas no PVSA

GRUPO PRODUTIVO	MUNICÍPIO	Nº AGRICULTORAS CAPACITADAS	Nº OUTRAS PESSOAS CAPACITADAS
AMAI	Itainópolis	17	2
Amarra Negro	Bela Vista do Piauí	10	5
AMOR (Jardim)	Ipiranga do Piauí	24	1
AMPPEPI ³	Francisco Santos (Comunidade Serra dos Morros)	11	2
	Campo Grande (Comunidade Urupeu)	15	4
	Francisco Santos (Comunidade Chupeiro)	14	1
APASPI	São Raimundo Nonato	15	1
Canto Fazenda Frade	Oeiras	11	3
Carnaíbas	Bela Vista do Piauí	8	5
Fornos	Picos	18	1
São José dos Cocos	Ipiranga do Piauí	10	1
Serra do Inácio	Betânia do Piauí	13	2
Tapuio	Queimada Nova	9	3
TOTAL		175	31

Fonte: Julia Aires com base nos registros de presença das oficinas de capacitação, 2019

Ao todo, foram capacitadas 206 pessoas, entre agricultores/as, equipes de assessoria técnica, gestores/as municipais e representantes das Unidades Regionais de Gestão do Projeto (URGP). Foram realizadas 13 oficinas de capacitação, habilitando 175 mulheres para o uso do instrumento, sendo que ocorreram desistências já durante a formação ou logo após (caso de Carnaíbas, que desistiu coletivamente de participar e foi substituída por Tapuio).

Efetivamente, o Projeto começou a ser executado com 147 mulheres, quando elas assumiram o compromisso de fazer as anotações. O número de agricultoras anotando regularmente não correspondeu àquele de mulheres habilitadas e comprometidas com a atividade, assim como a frequência de anotações teve variações dentro de cada grupo produtivo, como pode ser visto nos quadros a seguir.

3 Por ter o maior número de mulheres participando do Projeto de Uso das Cadernetas Agroecológicas e por elas estarem localizadas em diferentes comunidades, foram realizadas três oficinas de formação para as agricultoras da AMPPEPI.

QUADRO 3

Média da frequência de mulheres anotando, setembro 2019 a fevereiro 2020

GRUPO PRODUTIVO	MÉDIAS
1. AMAI	12,3
2. Amarra Negro	9,5
3. AMOR (Jardim)	6,2
4. AMPPEPI Campo Grande	14
5. AMPPEPI Francisco Santos	20
6. APASPI	9,6
7. Canto Fazenda	7,6
8. Fornos	18
9. São José dos Cocos	9,4
10. Serra do Inácio	7,5
11. Tapuio	7,4
MÉDIA GERAL	121,5

Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020

QUADRO 4

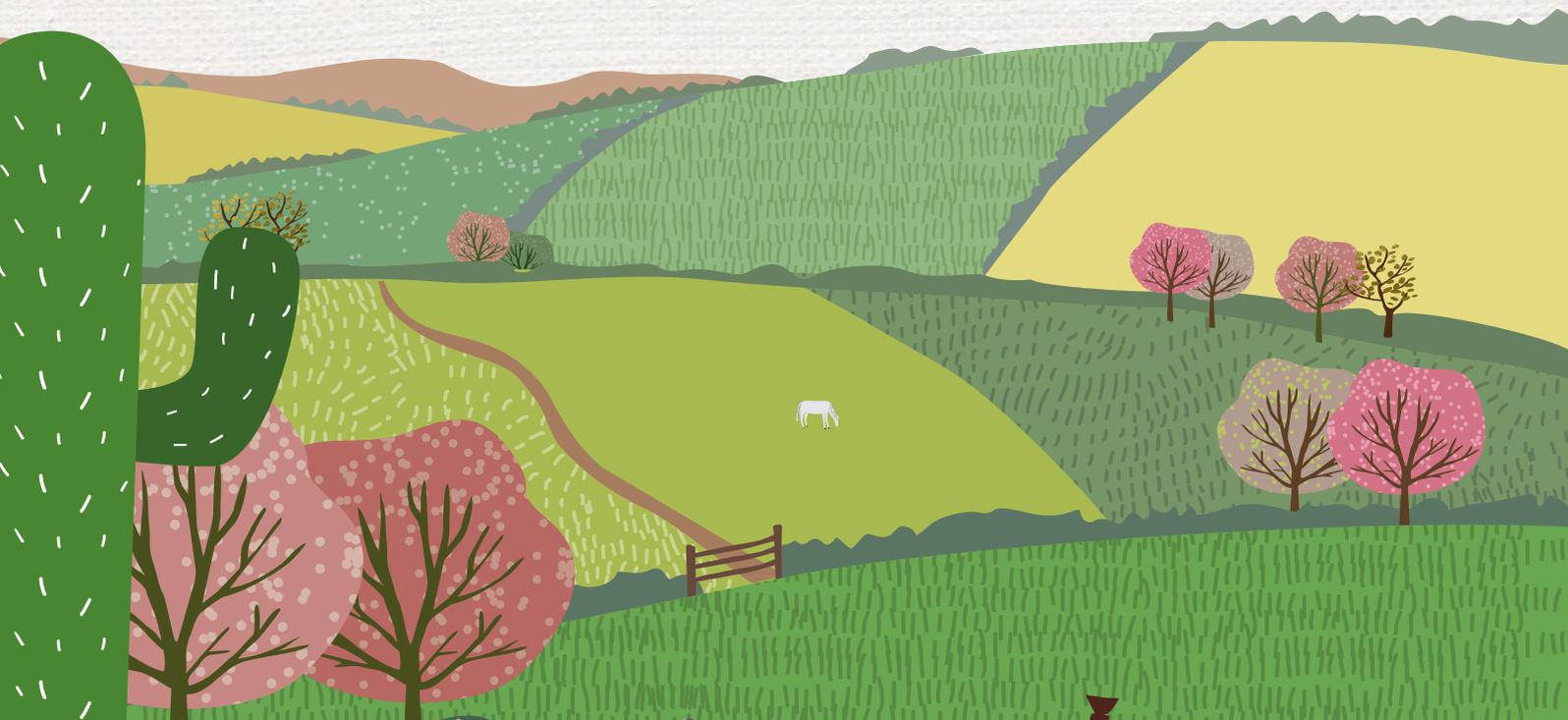
Média da frequência de anotações, setembro 2019 a fevereiro 2020

GRUPO PRODUTIVO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MÉDIA
1. AMAI	30	22	23	26	19	18	23
2. Amarra Negro	41	30	27	21	23	25	28
3. AMOR (Jardim)	20	11	9	15	18	20	16
4. AMPPEPI Campo Grande	22	18	17	18	18	18	19
5. AMPPEPI Francisco Santos	20	21	23	23	19	18	21
6. APASPI	66	56	42	34	22	20	40

7. Canto Fazenda	12	12	17	12	8	8	11
8. Fornos	48	38	52	28	25	20	35
9. São José dos Cocos	25	18	17	15	15	13	17
10. Serra do Inácio	32	25	39	38	37	47	36
11. Tapuio	24	23	21	17	10	14	18
TOTAL	340	274	287	247	214	221	264

Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020

Com relação à quantidade de mulheres anotando e/ou à queda no ritmo de anotações, várias delas justificaram ter tido “preguiça” e/ou “esquecimento”; por conta da carga excessiva de trabalho (produtivo e reprodutivo); igualmente por distanciamentos periódicos das unidades produtivas familiares; por conta da queda da produção no período de seca (outubro a dezembro); em função da necessidade de cultivar a terra no período das chuvas (janeiro e fevereiro); e por considerarem que não veem sentido em anotar as atividades que geram “apenas” renda não monetária (consumo, doação e troca). Além disso, a morosidade na liberação dos recursos de alguns planos de investimento gerou desmotivação (APASPI e Fornos); a lentidão no repasse de recursos para as instituições de assessoria técnica limitou a atuação dessas junto aos grupos produtivos; a resistência de alguns técnicos com a atividade; e o analfabetismo, agudizado pela recusa de familiares para contribuir e pela ausência e/ou distanciamento das ATS.



Com exceção da AMPPEPI/Campo Grande-PI, que manteve regularidade no número de mulheres fazendo as anotações, os demais grupos tiveram quebra de participações. O grupo AMOR (Jardim) teve a perda mais expressiva, ou seja, 40% das mulheres capacitadas se retiraram da atividade. Considerando a meta inicial, de 150 mulheres anotando suas produções, o PVSA teve perda de 19%. Contudo, ficou abaixo da expectativa de, aproximadamente, 33% por estado, projetada pelo PSI.

A média da frequência de anotações revela que as mulheres não anotaram todos os dias, seja por esquecimento, sobrecarga de trabalho, descontentamento ou desinteresse; algumas elegeram a atividade de venda como mais importante, e ao não realizar vendas, decidiram não anotar nada; outras tiveram dúvidas sobre a importância de alguns produtos (por exemplo: o chá tomado diariamente, o feijão de todas as refeições, etc.); diversas tiveram dúvidas sobre as medidas dos produtos consumidos e/ou doados (por exemplo: a quantidade de folhas postas para a preparação do chá ou dos temperos postos no feijão, etc.); o analfabetismo é uma barreira real; as ATS foram mornas com relação a manter os grupos mobilizados e animados para o processo de anotação e contribuíram menos do que poderiam e deveriam para tirar as dúvidas.

Desse modo, apenas três grupos produtivos – APASPI, Serra do Inácio e Fornos – conseguiram manter média de mais de 30 anotações por mês, o que significa mais de uma anotação por dia, embora apresentando variações expressivas ao longo do período. Os demais grupos apresentaram médias que apontam menos de uma anotação por dia, ainda que mantendo maior constância na quantidade delas mês a mês. Canto Fazenda Frade foi o grupo que apresentou a menor média de anotações, ou seja, apenas 11 registros por mês.

O Quadro 5 apresenta o histórico das anotações ao longo dos seis primeiros meses do Projeto de Uso da Caderneta Agroecológica no PVSA e é complementado pelos Gráficos 1 e 2, que mostram, respectivamente, o comportamento das anotações por atividade econômica, e o comportamento do valor da produção por atividade econômica.



QUADRO 5

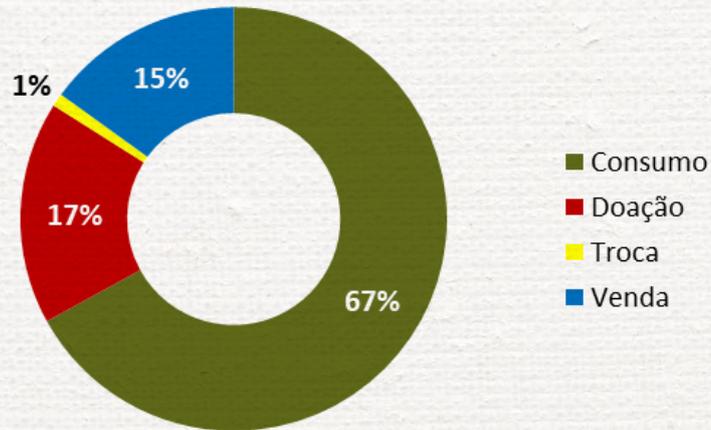
Histórico das anotações de setembro 2019 a fevereiro 2020 no PVSA

MÊS	ATIVIDADE	AMAI	AMARRA NEGRO	AMOR (JARDIM)	AMPPEPI CG	AMPPEPI FS	APASPI	CANTO FAZENDA FRADE	FORNOS	SÃO JOSÉ DOS COCOS	SERRA DO INÁCIO	TAPUIO	TOTAL
SET.	Consumo	2.058,75	1.406,50	467,60	1.976,50	2.685,35	798,46	1.315,15	3.210,70	900,35	991,65	1.053,14	16.864,15
	Doação	580,55	599,50	200,90	342,50	853,86	310,81	105,30	2.140,15	1.021,50	481,00	468,00	7.104,07
	Troca	43,00	299,50	-	-	22,00	10,50	-	182,00	-	-	45,00	602,00
	Venda	2.753,00	1.149,00	795,00	2.229,50	16.436,00	2.967,12	518,50	16.051,00	2.482,00	1.250,00	4.020,00	50.651,12
	TOTAL	5.435,30	3.454,50	1.463,50	4.548,50	19.997,21	4.086,89	1.938,95	21.583,85	4.403,85	2.722,65	5.586,14	75.221,34
OUT.	Consumo	1.779,70	1.677,85	394,7	1.541,00	2.593,30	1.236,66	1.710,50	3.093,80	830	675,7	931,75	16.464,96
	Doação	329,00	266,25	46,60	437,00	940,36	28,49	151,30	1.345,50	368,00	99,00	607,00	4.618,50
	Troca	15,00	44,25	-	-	20,00	-	-	75,00	2,00	-	90,00	246,25
	Venda	1.798,00	1.890,00	384,59	1.052,00	11.663,00	4.277,38	1.349,50	8.624,50	2.754,25	4.349,00	231,00	38.373,22
	TOTAL	3.921,70	3.878,35	825,89	3.030,00	15.216,66	5.542,53	3.211,30	13.138,80	3.954,25	5.123,70	1.859,75	59.702,93
NOV.	Consumo	1.101,65	1.079,15	226,3	1.605,00	4.407,25	671,58	1.020,00	4.015,50	984,7	968,1	1.316,04	17.395,27
	Doação	303,00	271,80	81,00	449,00	595,00	138,90	237,10	603,00	276,10	143,25	271,00	3.369,15
	Troca	15,00	62,00	-	-	45,00	-	10,00	56,00	-	-	20,00	208,00
	Venda	718,00	1.924,00	208,40	513,00	7.418,00	4.237,32	805,00	7.691,50	1.247,40	3.330,00	805,00	28.897,62
	TOTAL	2.137,65	3.336,95	515,70	2.567,00	12.465,25	5.047,80	2.072,10	12.366,00	2.508,20	4.441,35	2.412,04	49.870,04
DEZ.	Consumo	1.188,90	1.158,25	356,3	1.774,00	4.919,95	448,81	1.862,00	3.874,00	828	946,8	1.683,94	19.040,95
	Doação	243,00	183,10	59,50	355,00	979,40	145,22	1.173,25	840,50	237,00	254,50	1.711,50	6.181,97
	Troca	-	80,50	-	-	20,00	31,50	44,50	8,00	3,00	-	45,00	232,50
	Venda	549,00	704,50	391,50	638,00	4.627,00	3.414,54	1.248,00	6.246,00	310,50	1.808,00	723,00	20.660,04
	TOTAL	1.980,90	2.126,35	807,30	2.767,00	10.546,35	4.040,07	4.327,75	10.968,50	1.378,50	3.009,30	4.163,44	46.115,46
JAN.	Consumo	1.345,00	1.143,00	416,00	1.594,50	4.284,00	478,00	1.396,00	1.858,00	103,00	1.226,00	1.532,37	15.375,87
	Doação	1.115,00	326,50	39,50	318,00	1.294,00	142,23	630,60	136,25	334,40	213,50	135,00	4.684,98
	Troca	-	48,50	10,00	-	54,00	-	20,00	-	-	-	19,50	152,00
	Venda	1.813,00	757,00	245,00	572,00	4.976,00	734,00	679,00	3.313,00	742,00	2.430,00	168,00	16.429,00
	TOTAL	4.273,00	2.275,00	710,50	2.484,50	10.608,00	1.354,23	2.725,60	5.307,25	1.179,40	3.869,50	1.854,87	36.641,85
FEV.	Consumo	1.028,60	1.275,60	675,50	1.386,00	4.336,10	469,19	1.532,37	1.540,00	580,50	1.504,45	880,60	15.208,91
	Doação	135,00	162,00	32,00	342,50	1.307,50	154,49	135,00	174,00	129,00	290,75	71,60	2.933,84
	Troca	12,00	27,50	10,00	12,00	-	-	19,50	-	-	22,00	12,00	115,00
	Venda	390,00	587,00	228,00	1.571,00	5.079,00	537,00	168,00	7.097,00	680,00	2.787,00	7,50	19.131,50
	TOTAL	1.565,60	2.052,10	945,50	3.311,50	10.722,60	1.160,68	1.854,87	8.811,00	1.389,50	4.604,20	971,70	37.389,25
	TOTAL	19.314,15	17.123,25	5.268,39	18.708,50	79.556,07	21.232,20	16.130,57	72.175,40	14.813,70	23.770,70	16.847,94	304.940,87

Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020.

GRÁFICO 1

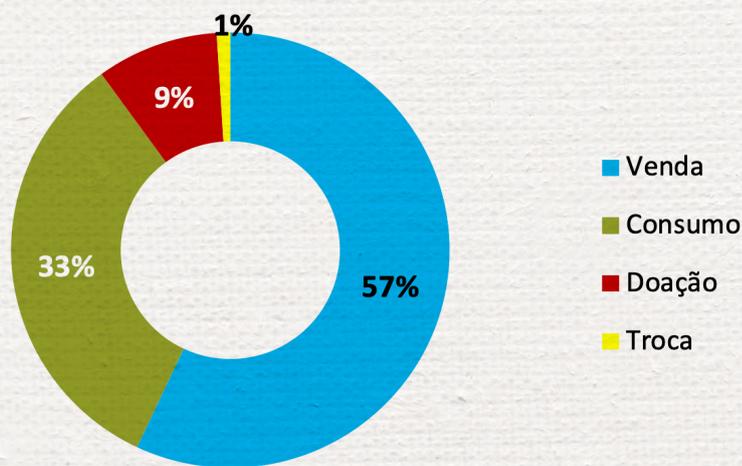
Comportamento das anotações por atividade econômica



Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020

GRÁFICO 2

Comportamento do valor da produção por atividade econômica

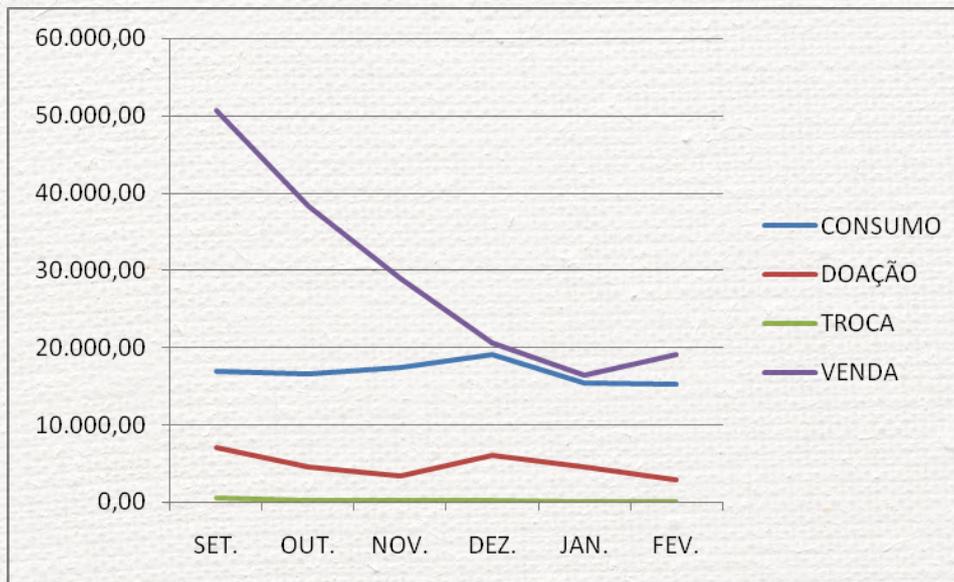


Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020.

Quantidade de registros e valor da produção mostraram-se inversamente proporcionais. O consumo é a atividade com maior número de registros, 85% deles, mas em segundo lugar com relação ao valor da produção, ou 33%. Somados, consumo, doação e troca, ainda assim, o valor total fica abaixo do valor relativo à venda, ou 43%. Já a venda, sozinha, desponta no valor da produção, 57%, porém é a terceira na quantidade de anotações feitas, 15%, ficando atrás da atividade de doação, que detém 17% dos registros.

GRÁFICO 3

Comportamento da frequência das anotações por atividade econômica



Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020.

Os registros, de um modo geral, decresceram do início da execução até o sexto mês do Projeto. O decréscimo da venda é acentuado; consumo e doação têm perdas mais suaves; e a troca apresenta maior estabilidade dentre todas as atividades econômicas. Isso pode ter acontecido por diversas razões: nos dois primeiros meses, os grupos estavam mobilizados e animados para desenvolver a atividade de uso da Caderneta Agroecológica, o que representou o período mais significativo com relação à quantidade de anotações; do mesmo modo, havia alguma fartura nas comunidades (safra do caju, farinhadas, alimento para os animais, últimas reservas de água para produzir nos quintais, algum estoque da última colheita). Depois de outubro, não só a seca já castigava e as pessoas sentiam seus efeitos,



como foi o período marcado pela falta de recursos no PVSA e, conseqüentemente, sem liberação para os grupos ainda sem recursos, assim como atrasou para aqueles que já estavam em execução, e também o afastamento das ATS das atividades de campo, o que gerou dúvidas, descontentamentos, desinteresses e/ou desistências.

“As anotações, elas se deram mais positiva, mais recheadas de anotações, no mês de setembro e outubro, porque a gente ainda tinha uma safra belíssima, ainda do inverno passado de 2019. Então, foi acabando, e de novembro por diante pouquíssimas coisas a gente colhe. Até fevereiro, as anotações tavam fracas. A gente não ia falsificar, né?” (Maria Francisca Gomes da Silva, agricultura da comunidade Fornos, município de Picos, sobre os seis primeiros meses de anotações).

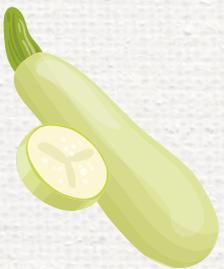
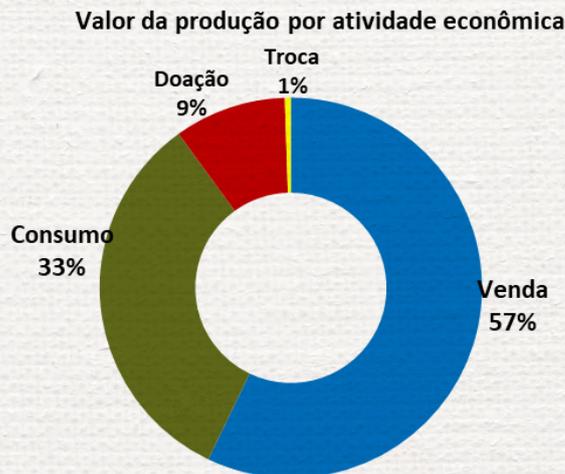


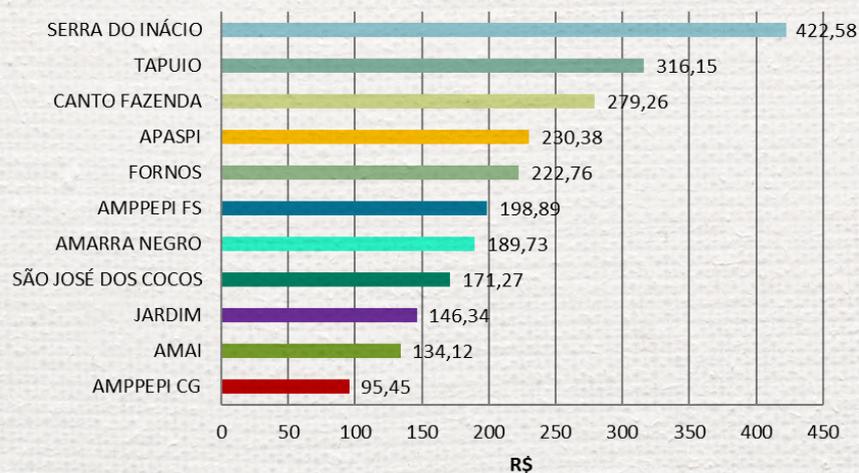
GRÁFICO 4



Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020. GRÁFICO 5



Valor médio mensal da produção por agricultora



Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020.



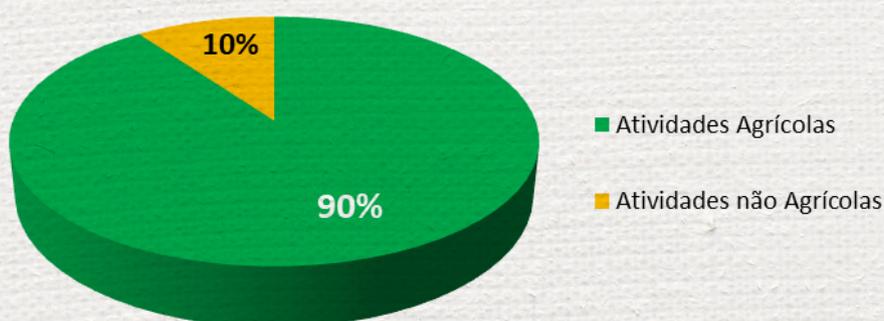
O Gráfico 4 apresenta as atividades de consumo, doação, troca e venda com relação aos respectivos valores. O montante totaliza R\$ 304.940,87, sendo R\$ 130.798,37 relativos às atividades que geram renda não monetária, e R\$ 174.142,50 relativo às vendas. O Gráfico 5, por sua vez, permite visibilizar o ganho médio mensal de cada agricultora. A menor média ficou com AMPPEPI / Campo Grande, e a maior com Serra do Inácio. A média geral é de R\$ 418,30.

3.2 Dos Números às Letras: o Inventário da Produção das Agricultoras do Semiárido Piauiense

A Caderneta Agroecológica funciona como uma caixinha mágica, revelando uma quase infinidade de informações sobre a produção das agricultoras que a utilizam. Se, por um lado, é importante valorar a produção e, desse modo, visibilizar a contribuição das mulheres na composição da renda familiar, por outro, é interessantíssimo conhecer a diversidade dessa produção, seja in natura ou processada, agrícola ou não agrícola. Assim, uma informação preciosa que o instrumento fornece é o inventário da produção das mulheres rurais. Por meio dele, é possível visualizar, entre outras coisas, o trabalho das agricultoras na conservação da sociobiodiversidade, na garantia da segurança alimentar e nutricional das famílias e, também, na movimentação da economia local.

GRÁFICO 6

Inventário da produção: atividades agrícolas e não agrícolas

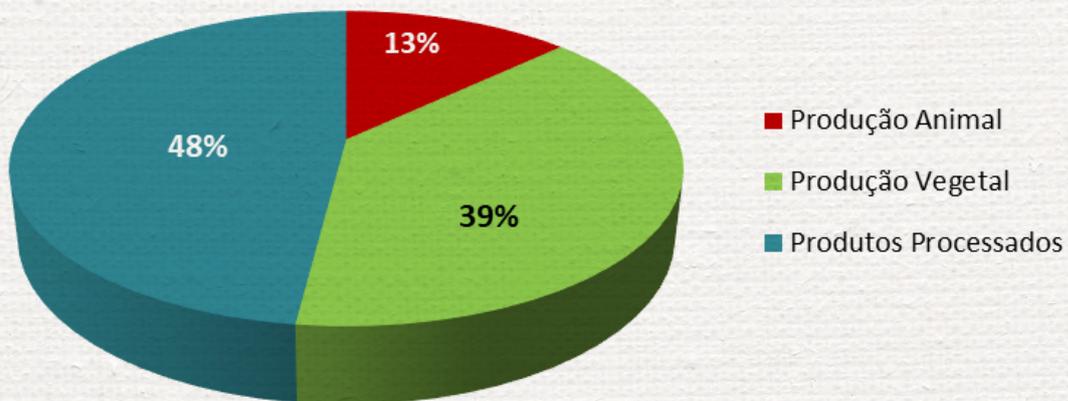


Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020

A primeira leitura do inventário buscou identificar a existência de atividades agrícolas e não agrícolas, tendo em vista que o rural atual já agregou laborações antes atribuídas somente às áreas urbanas. As atividades agrícolas predominam com folga sobre as não agrícolas. Somente os grupos de AMOR (Jardim) e Serra do Inácio não fizeram anotações de atividades não agrícolas.

GRÁFICO 7

Inventário da produção: atividades agrícolas



Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020

As atividades agrícolas, por sua vez, foram divididas como: produtos de origem animal; produtos de origem vegetal; e produtos processados (independentemente da origem), sobressaindo-se a última delas perante as demais.



QUADRO 6

Inventário da produção: produtos de origem vegetal

FRUTAS	Abacate, Abacaxi, Açaí, Acerola, Ata, Bacuri, Banana, Banana-maçã, Banana-três-quinas, Buriti, Caju (castanha in natura), Caju (pedúnculo), Cajuá, Carambola, Coco seco, Coco verde, Goiaba, Graviola, Jabuticaba, Jaca, Laranja, Limão, Limão azedo, Mamão, Manga, Manga-pão, Manga-rosa, Maracujá, Maracujá-do-mato, Maracujá-peroba, Melancia, Melão, Meluíte (melão-de-papoco), Mexerica, Morango, Pequi, Pitanga, Pitomba, Ceriguela, Tamarindo, Tangerina, Umbu.
LEGUMES	Abóbora, Abobrinha, Abobrinha-italiana, Açafrão, Alface, Batata-doce, Berinjela, Beterraba, Cebola, Cebola-de-cabeça, Cebola em folhas, Cebola verde, Cenoura, Cebolinha, Coentro (cheiro-verde), Chicória, Chuchu, Jerimum, Fava, Feijão, Feijão-andu (guandu), Feijão-BR, Feijão-canapu, Feijão-de-corda, Feijão preto, Feijão-rabo-de-calango, Feijão roxo, Feijão-Santo Inácio, Feijão-sempre-verde, Feijão verde, Macaxeira, Manjericão, Maxixe, Milho (espiga), Milho (grão), Milho verde, Pepino, Pimenta, Pimenta-de-cheiro (pimenta-de-gosto, pimentinha, pimentinha-de-cheiro, pimentinha-de-gosto), Pimenta-dedo-de-moça, Pimenta-de-macaco, Pimenta-malagueta, Pimentão, Quiabo, Rúcula, Salsa, Salsinha, Tomate, Tomate-cereja.
MEDICINAIS	Alecrim, Arruda, Cana-de-macaco, Capim-santo, Erva-cidreira, Gengibre, Hortelã, Mastruz, Quebra-pedra, Romã.
ORNAMENTAIS & FORRAGEIRAS	Algaroba, Cabaça, Cactos.
OUTROS	Cana-de-açúcar, Muda de cactos, Muda de macaxeira, Muda de mamão, Muda de tomate, Muda de umbu, Semente de feijão, Semente de jerimum, Semente de milho, Semente de melancia, Urucum.

Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020

QUADRO 7

Inventário da produção: produtos de origem animal

AVES	Frango, Frango caipira, Galinha, Galinha caipira, Galo, Guiné (capote, galinha d'Angola), Ovos de codorna, Ovos de galinha, Ovos de Guiné, Ovos de Pato, Pato, Peru, Pinto.
ABELHA	Mel.
BOVINO	Boi (animal inteiro), Carne de vaca, Fígado de gado, Leite de vaca.
CAÇA	Rabo de tatu.
CAPRINO	Bode (animal inteiro), Cabra (animal inteiro), Carne de bode, Carne de cabra, Espinhaço de bode, Fígado de bode, Fussura do bode, Leite de cabra, Marran (animal inteiro).
OVINO	Borrego (animal inteiro), Carneiro (animal inteiro), Carne de carneiro, Carne de ovelha, Ovelha (animal inteiro).
PEIXES	Peixe, Tambaqui, Tilápia, Traíra.
SUINO	Carne de porco, Chouriço, Fígado de porco, Gordura de porco, Leitão (animal inteiro), Leitoa (animal inteiro), Linguiça de porco, Pé de porco, Porco (animal inteiro), Toucinho.

Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020

QUADRO 8

Inventário da produção: produtos processados

<p>ORIGEM VEGETAL</p>	<p>Barra de cereal, Beiju (médio e grande), Beiju de forno, Beiju de macaxeira, Biscoito delícia, Biscoito frito, Bolinho, Bolinho de chuva, Bolo, Bolo corredor, Bolo de aniversário, Bolo de batata, Bolo de cenoura, Bolo de chocolate, Bolo de coco molhado, Bolo de fubá, Bolo de goma, Bolo de laranja, Bolo de macaxeira, Bolo de milho, Bolo de puba, Bolo de sal, Bolo doce, Bolo frito, Bolo pudim, Brigadeiro de coco, Caju cristalizado, Caju seco, Caldo de cana, Caldo de macaxeira, Canjica, Castanha de caju assada, Chá de camomila, Chá de canela-de-velho, Chá de capim-santo, Chá de casca de romã, Chá de erva-cidreira, Chá de folha de algodão, Chá de hortelã, Chá de limão, Chá de ceriguela, Chips de macaxeira, Cocada de coco, Colorau (corante ou corante caseiro), Cuscuz, Dindim (dida, gelinho), Dindim de coco, Dindim de goiaba, Dindim de tamarindo, Doce, Doce de banana, Doce de buriti, Doce de caju, Doce de coco, Doce de gergelim, Doce de goiaba, Doce de groselha, Doce de mamão, Doce de manga, Farinha de mandioca, Farinha de puba, Feijoada, Geleia de goiaba, Geleia de maracujá, Goma, Goma fresca, Lambedor (remédio caseiro), Licor, Massa de buriti, Massa de milho, Mel de cana-de-açúcar (melado), Mel de rapadura, Milho assado, Molho de hortelã, Mousse de manga, Mousse de maracujá, Mousse de umbu, Óleo de angico, Óleo de coco (babaçu), Olho de sogra (docinho), Ovo cozido, Ovo frito, Paçoca de gergelim, Pamonha, Pão caseiro, Pão de ló, Pão de milho, Pão de queijo, Peta, Picolé de manga, Pizza, Polenta de milho, Polpa de açai, Polpa de acerola, Polpa de buriti, Polpa de cajá, Polpa de caju, Polpa de goiaba, Polpa de laranja, Polpa de manga, Polpa de ceriguela, Polpa de umbu, Puba, Pudim, Rapadura, Rapadura de jaca (tijolo de jaca), Rosca, Rosca de goma, Salada de verdura, Sequilho, Sorvete de macaxeira, Suco, Suco de acerola, Suco de caju, Suco de carambola, Suco de goiaba, Suco de graviola, Suco de laranja, Suco de limão, Suco de maçã, Suco de mamão, Suco de manga, Suco de maracujá, Suco de maracujá-do-mato, Suco de ceriguela, Suco de tamarindo, Suco de umbu, Tapioca, Tintura de angico, Tintura de ipê roxo, Torta, Torta de banana, Torta de legumes, Umbuzada, Vitamina, Vitamina de banana, Xarope caseiro, Xarope de angico, Xarope de unha-de-gato.</p>
<p>ORIGEM ANIMAL</p>	<p>Buchada de bode, Chouriço de porco, Coalhada, Coalhada escorrida, Doce de leite, Linguiça de carne de porco, Manteiga, Manteiga da terra, Manteiga de garrafa, Nata, Omelete, Queijo, Torresmo de porco.</p>

Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020

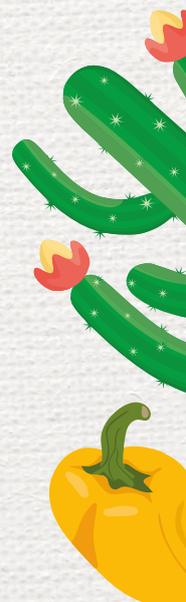
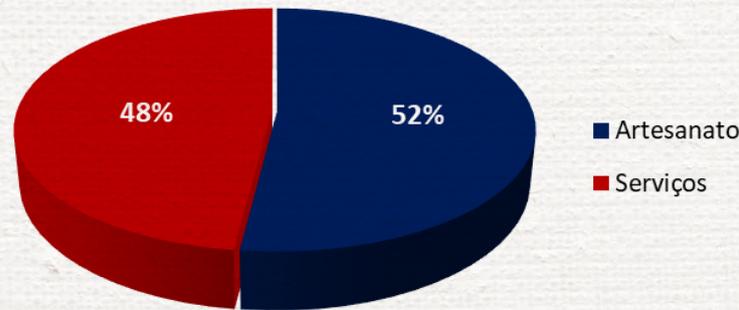




GRÁFICO 8

Inventário da produção: atividades não agrícolas



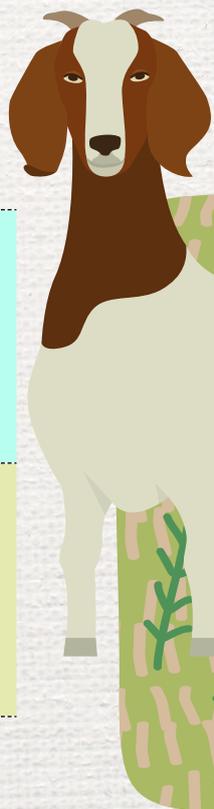
Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020

As atividades não agrícolas foram divididas em artesanato e serviços, com discreta predominância da produção artesanal. No total, 17 mulheres dos grupos produtivos AMAI, Amarra Negro, AMPPEPI / Campo Grande, AMPPEPI / Francisco Santos, APASPI, Fornos, São José dos Cocos e Tapuio fizeram anotações de atividades não agrícolas.

QUADRO 9

Inventário da produção: atividades não agrícolas

ARTESANATO	Abafador de comida, Brincos, Colar, Colar de sementes, Colar grande, Confecção de vestido, Pano de bandeja, Pano de copo, Pano de geladeira, Pano de prato, Protetor de porta, Pulseira, Sabão caseiro, Sabão de soda, Sabão em barra, Tapete, Tapete de linha, Varanda de rede.
SERVIÇOS	Alisamento de cabelo, Conserto de roupas, Corte de cabelo, Costura de avental, Depilação, Diária, Diária (faxina), Diária (mutirão), Escova de cabelo, Escova progressiva, Fornecimento de comida (café da manhã e almoço), Manicure e pedicure, Pintura de cabelo, Prancha de cabelo, Remendo de pneus (borracharia), Venda de roupas.



Fonte: Cadernetas Agroecológicas, setembro 2019 a fevereiro 2020

Ao todo, foram identificados 346 produtos, sendo 115 de origem vegetal, 47 de origem animal, 150 que tiveram algum tipo de beneficiamento e 34 resultantes de atividades não agrícolas.

Na tabulação do inventário ficou evidente que diversas anotações subtraíram elementos caracterizadores dos produtos. Exemplo: nas anotações constam “manga” ou “mangas”, “banana” ou “bananas”, “alface”, etc., porém sem identificar as respectivas variedades cultivadas. Na comunidade Jardim, onde está localizada a Associação das Mulheres Organizadas (AMOR), no município de Ipiranga do Piauí, as agricultoras relataram ter nos seus quintais 17 variedades de mangas, mas essa abundância não está nos registros feitos. Também nos produtos processados há anotações generalistas do tipo “bolo”, “doce”, “dindim”, “suco”, etc., sem que haja identificação da matéria-prima que lhes dá sabor. Os doces de frutas, quando nominados (“doce de caju”, “doce de banana”, etc.), não foram identificados pelas texturas: se de calda, pastoso, em compota, de corte, cristalizado, temperados com especiarias, etc. Na comunidade Fornos, município de Picos, durante a oficina de formação para uso da Caderneta, várias mulheres relataram doces de uma mesma fruta com texturas variadas, porém isso não apareceu nas anotações.

Observou-se, também, que atividades desenvolvidas fora da unidade produtiva e que ocupam boa parte do tempo de algumas mulheres não foram registradas. Na comunidade de Amarra Negro, município de Bela Vista do Piauí, uma das mulheres trabalha na zona urbana como cabeleireira, porém não fez nenhuma anotação sobre essa atividade produtiva.



3.3 Das Áreas de Produção Para a Mesa e/ou para os Circuitos Curtos de Comercialização

Durante as oficinas de formação para uso da Caderneta Agroecológica, uma das questões que mais gerava hesitações era sobre o que é e onde se dá a produção capitaneada pelas mulheres. Afinal, é forte ainda aquela velha e machista lógica de que “a mulher ajuda”.

O Projeto das Cadernetas Agroecológicas tem o objetivo de analisar a contribuição das mulheres rurais para a economia familiar e para a reprodução do seu agroecossistema.

Nesse ponto é importante enfatizar que o trabalho com as Cadernetas Agroecológicas se iniciou a partir de um questionamento das bases da economia hegemônica, que apenas consideram como parte da economia aquelas atividades que geram recursos monetários, ou seja, apenas as que têm relação com o mercado. Dessa forma, boa parte das atividades que ficam sob responsabilidade das mulheres são invisibilizadas ou desconsideradas por essa perspectiva da economia, centrada na lógica mercantil.





Para um olhar contra-hegemônico sobre a economia, que permita dar visibilidade ao conjunto de atividades protagonizadas pelas mulheres na sociedade, nos apropriamos das reflexões propostas pelas economias feministas. Estas afirmam que a noção de economia deve incorporar todas as atividades necessárias para a sustentabilidade da vida humana!

Dessa forma afirmam que aquelas atividades realizadas para o autoconsumo, bem como o conjunto de atividades realizadas para a reprodução da vida, como o trabalho doméstico e de cuidados, também devem ser consideradas como parte da economia! Por esse motivo, as Cadernetas Agroecológicas lançam luz sobre as atividades não monetárias realizadas pelas mulheres (como o consumo, a doação e a troca), considerando-as nas análises econômicas.

No entanto, propomos que sejam anotadas nas Cadernetas Agroecológicas, prioritariamente, aquelas atividades protagonizadas pelas agricultoras e que tenham relação com os agroecossistemas. Assim, também buscamos reconhecer os lugares de produção das mulheres (a exemplo dos quintais, terreiros, pátios, ao redor da casa, etc.), cuja contribuição econômica foi historicamente invisibilizada (CARDOSO et al., 2019, p. 9-10, grifos nossos).

Para contribuir com a reflexão das agricultoras, ficou acordado: caso, por ocasião dos registros, tivessem dúvida, deveriam se perguntar “isso é importante para mim?”. Se positivo, anotariam nas suas Cadernetas.

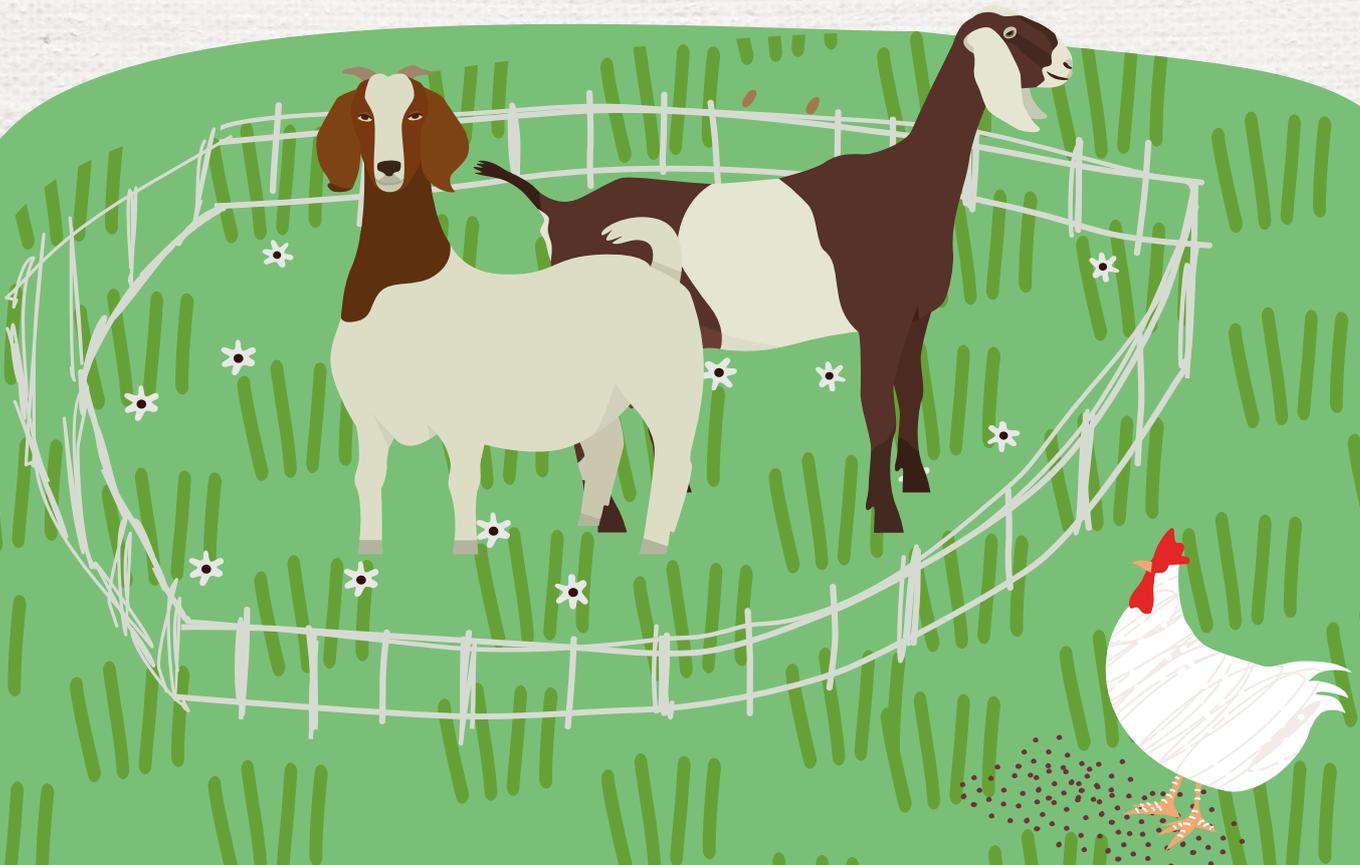
A Caderneta Agroecológica deve ser entendida como um recurso a ser apropriado pelas mulheres para visibilizar, valorizar e organizar o seu trabalho, sendo um instrumento



de empoderamento e autonomia para elas na medida em que serve para que reconheçam sua contribuição à economia da família de forma mais ampla, rompendo a lógica patriarcal e capitalista de que são “meras ajudantes” (CARDOSO et al., 2019, p. 11, grifo nosso).

As anotações analisadas apontam que o trabalho das mulheres está presente em todos os cantos e recantos das unidades produtivas: das roças às cozinhas, dos arredores das casas às máquinas de costura, dos cercados onde são criados os animais às alquimias capilares. Mas, sem sombra de dúvidas, os quintais são os locais de maior destaque e de maior preferência das mulheres. Aproximadamente 75% da produção anotada pelas agricultoras é oriunda dos quintais.

Mas para onde vai toda essa produção? Parte dela, aquela que foi identificada como atividade de consumo, doação e troca, que gera renda não monetária e que corresponde a 85% das anotações e 43% dos valores identificados, alimenta as famílias das agricultoras e seus círculos de amizade e/ou proximidade. A outra parte, aquela identificada como venda, que gera renda monetária e que diz respeito a 15% das anotações e 57% dos valores apontados, segue para o mercado, por meio de diferentes circuitos curtos de comercialização.



Evidenciou-se relação inversamente proporcional entre a quantidade de anotações das atividades que não geram renda monetária com os valores das atividades de venda. Isso é possível, por conta de produtos que ‘puxam’ ou elevam os valores, como a venda de animais inteiros, especialmente os de médio e grande porte, de carnes e de produtos derivados da mandioca. Do mesmo modo, os produtos que têm valor unitário baixo, mas são vendidos em maior quantidade, como banana, castanha de caju, galinha, hortaliças, ovos e alguns serviços.

Os produtos são vendidos em diferentes circuitos curtos de comercialização, de acordo com as realidades dos grupos produtivos. A APASPI é o grupo com maior organização para a atividade de venda. Sua produção, predominantemente oriunda dos quintais e focada em hortaliças, é agroecológica e certificada como orgânica. A comercialização é

feita com mercados institucionais (IFPI e Prefeitura Municipal de São Raimundo Nonato), encomendas, consumidores fixos, venda porta a porta e, também, por uma plataforma de vendas online.

Em Fornos, as vendas são feitas na própria comunidade (carne de porco, farinha de mandioca, galinha caipira e goma); por encomenda de clientes dos municípios de Dom Expedito Lopes, Picos e Santana do Piauí; nas feiras dos mesmos municípios; de porta em porta; e também para o PAA (abóbora, alface, doce de caju, feijão, macaxeira e mamão).

As mulheres da AMPPEPI vendem para o PAA / Compra Direta, nas feiras semanais dos municípios de Campo Grande, Francisco Santos e Monsenhor Hipólito, além das vendas nas comunidades, de porta em porta, e também por encomenda. Ainda estão articulando uma parceria com a UFPI / Campus de Picos, para implantação de uma feira mensal naquela instituição.



As mulheres da Serra do Inácio vendem a produção na sede do município, por encomendas, em eventos e semanalmente, na feira municipal de Santa Filomena (município limítrofe de Betânia do Piauí, já no estado de Pernambuco). Além dos produtos derivados da mandioca, também vendem aqueles oriundos dos quintais.

Canto Fazenda Frade e Tapuio são comunidades quilombolas, caracterizadas pela coletividade e partilha. Em ambas, as atividades que geram renda não monetária prevalecem sobre a atividade de venda. As poucas vendas são realizadas na própria comunidade, nas festas locais ou em eventuais idas às sedes municipais.

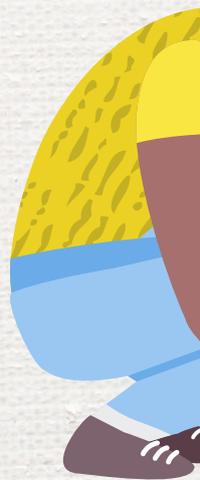
Os demais grupos – AMAI, Amarra Negro, AMOR e São José dos Cocos – assemelham-se no processo de venda, ou seja, as vendas ocorrem nas próprias comunidades ou naquelas mais próximas, por meio do porta a porta ou encomendas.

Avaliando o uso das Cadernetas Agroecológicas

Ao completar os seis primeiros meses de execução do Projeto de Formação e Disseminação do Uso Consciente das Cadernetas Agroecológicas, a coordenação da atividade⁴ concluiu o quão é importante promover, junto às agricultoras, a avaliação do processo em andamento. Desse modo, foi montado um cronograma de reuniões, com os onze grupos participantes, tendo sido possível reunir as mulheres de Serra do Inácio, Tapuio e São José dos Cocos. Diante da pandemia do coronavírus, a agenda foi cancelada e as demais avaliações foram feitas através de WhatsApp, com representantes dos grupos produtivos.

As mulheres avaliam como positiva a participação no Projeto. Suas falas são peculiares e retratam as observações e as descobertas a partir do uso da Caderneta, assim como alguns desdobramentos a partir dessa vivência. Considerando que o lugar de fala das mulheres rurais continua sendo tolhido em muitos espaços e por muitos ouvidos, especialmente os masculinos, a seguir estão todas as falas das que puderam analisar a atividade.

⁴ No início do Projeto de Uso Consciente das Cadernetas Agroecológicas, a coordenação da atividade no Piauí ficou a cargo das consultorias especializadas de Gênero, Raça, Etnia e Geração, Monitoramento e Avaliação e Quintais Produtivos. Como tal, as três consultoras participaram da capacitação promovida pelo Programa Semear Internacional. No final de 2019, alegando excesso de trabalho, a consultoria de M&A se retirou da execução, cabendo às demais consultorias todas as atividades inerentes à execução do Projeto.



A gente tá aprendendo um pouquinho. Antes da Caderneta Agroecológica a gente não sabia das coisas. Não sabia o que apurava. E, com ela, a gente vai no rumo (Francisca Antônia Rodrigues, agricultora da comunidade Serra do Inácio, município de Betânia do Piauí, grifo nosso).

Eu não tinha noção das coisas. Agora, a gente sabe o que faz (Alcilene Francisca Rodrigues, agricultora da comunidade Serra do Inácio, município de Betânia do Piauí, grifo nosso).

A gente não tinha noção. Parece muito pouco, mas ao mesmo tempo, é tão muito. (Valdimira Ferreira de Sousa, agricultora da comunidade Serra do Inácio, município de Betânia do Piauí, grifo nosso).

Minha descoberta foi com a economia que faço com o meu quintal. Comecei a somar e vi a diferença que faz. Fora que é produção orgânica! (Sueliene Rodrigues Lima, agricultora da comunidade Serra do Inácio, município de Betânia do Piauí, grifo nosso).



Às vezes, esqueço de anotar. Tenho de cuidar do menino, da roça, de tudo. Eu anoto no final de semana, porque todo dia não dá tempo. (Maria Madalena da Costa Silva, agricultora da comunidade Serra do Inácio, município de Betânia do Piauí, grifo nosso).

Antes, eu tinha medo e era meu marido que anotava. Mas depois eu assumi as anotações. Comecei com lápis, mas agora é com caneta. (Marinalva de Sousa Ferreira, agricultora da comunidade Serra do Inácio, município de Betânia do Piauí, grifos nossos).

Meu esposo não quer informar as quantidades, porque acha que é besteira. Preencho sozinha. E acho muito importante: saber a quantidade do consumo e dos gastos. (Maria Jacinta de Jesus Neto, agricultora da comunidade quilombola Tapuio, município de Queimada Nova, grifo nosso).

Peso o que vou vender. O que consumo, não peso. Mas vi vantagem em saber quanto gastei para consumir. Eu e meu menino anotamos. Posso ter ficado com dúvidas, mas não foi muita coisa, não. Dizem que mais importante que o estudo é a inteligência. E eu uso a inteligência. (Maria Rosa de Fátima, agricultora da comunidade quilombola Tapuio, município de Queimada Nova, grifo nosso).

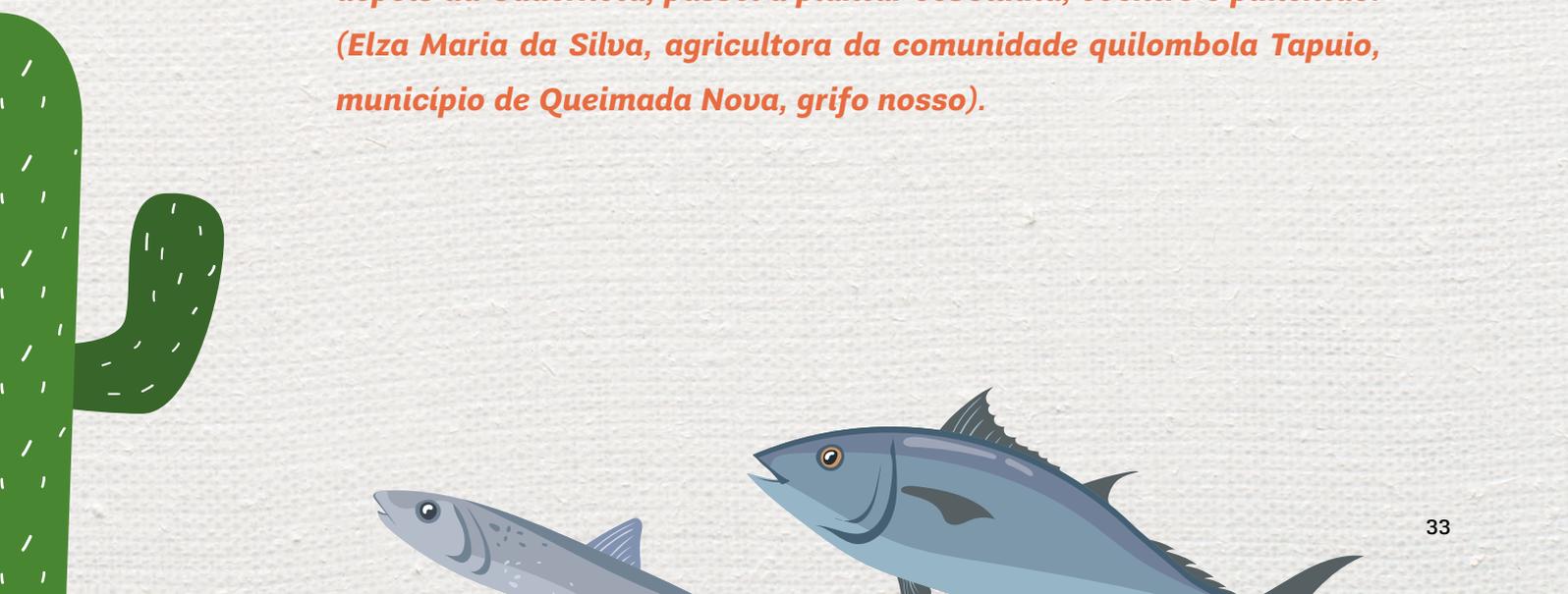
A partir da Caderneta Agroecológica, passamos a pesar os animais, a observar o que entrou e o que saiu, a observar o que consumimos e fazer a relação caso fosse comprado. (Luzia Rosalina dos Santos, agricultora da comunidade quilombola Tapuio, município de Queimada Nova, grifo nosso).





A Caderneta dá autoestima à família, permite saber o potencial do quintal e do que tem dentro de casa. Se você tira do quintal, sabe o que tem ali. É importante saber os valores. A gente vê a diferença entre consumo, doação, troca e venda. Conversar com as outras mulheres que também usam a Caderneta gera trocas e conhecimento. A valorização da Caderneta é de toda a família. Ao separar as atividades das mulheres e dos homens, fez com que os homens passassem a anotar em outro caderno. (Marilene Rosalina dos Santos, agricultora da comunidade quilombola Tapuio, município de Queimada Nova, grifos nossos).

Tenho cinco filhos e minha filha é que anota. Mas os outros valorizam a atividade e informam o que consumiram. A gente só pode anotar o que fez, o próprio suor. Eu comia coisas do supermercado, mas depois da Caderneta, passei a plantar cebolinha, coentro e pimentão. (Elza Maria da Silva, agricultora da comunidade quilombola Tapuio, município de Queimada Nova, grifo nosso).



Acho bom, porque a gente sabe o que produz e que trabalha o tempo todo. A gente não trabalha voluntário. Se acabar essa atividade, a gente já aprendeu e continua fazendo. (Marcilene Ribeiro de Araújo, agricultora da comunidade São José dos Cocos, município de Ipiranga do Piauí, grifo nosso).

Depois da Caderneta, o nosso trabalho está mais valorizado. (Francisca de Deus Macedo, agricultora da comunidade São José dos Cocos, município de Ipiranga do Piauí, grifo nosso).

A gente achava que não valia nada e agora sabe que vale. (Maria Grethe Silva, agricultora da comunidade São José dos Cocos, município de Ipiranga do Piauí, grifo nosso).

É uma economia que você fez e é uma ajuda que não é percebida pela família. A partir da Caderneta, é possível perceber o quanto o trabalho da mulher é importante. E ainda fica como documento do trabalho e da renda da mulher. (Maria do Perpétuo Socorro Macedo do Nascimento, agricultora da comunidade São José dos Cocos, município de Ipiranga do Piauí, grifo nosso).



A partir do recebimento da Caderneta, a gente deu vontade de produzir mais, trabalhar mais nos nossos quintais, cuidar mais dos nossos quintais, zelar mais dos nossos quintais e das nossas plantações. Valeu a pena, sim. A gente aprendeu e ensinou a outras mulheres da comunidade que não estão dentro do Projeto. A Caderneta minha é um instrumento de trabalho, é minha companheira de trabalho. Eu pensava que produzia tão pouco, mas eu tenho certeza que, lá na frente, eu vou ver que eu tava produzindo muito, só não tava vendo e nem me dando conta disso. (Maria Francisca Gomes da Silva, agricultora da comunidade Fornos, município de Picos, grifo nosso).

A Caderneta é como um diário: muito importante na minha vida. Antes, eu não tinha noção das coisas que eu vendia e doava, nem o que era consumido. Hoje, eu sei que na minha casa tem mais da minha roça do que no começo. E sei disso por causa da Caderneta. Tá sendo maravilhoso. Eu adoro anotar minhas coisas! (Maria Rosineide da Silva, agricultora da comunidade Fornos, município de Picos, grifos nossos).

O que eu acho é que é uma importância de tamanho imenso, porque só em ter um quintal rico em produtos naturais, é importante demais. É importante você colher um produto, doar ou consumir e anotar ali. É importante pra registrar. (Eumileny Santos, agricultora da comunidade Fornos, município de Picos, grifo nosso).

O uso da Caderneta não foi só bom, mas também foi importante para mim e para o grupo, porque é um instrumento que aumenta a organização. Nós mulheres sabemos, a partir do uso dela, qual o papel mais importante da gente. Importante, porque tamos vendo como é importante a nossa mão de obra no campo. É um instrumento muito importante para a vida da mulher no campo (Aparecida Silva Sousa, agricultora da Associação das Mulheres de Itainópolis - AMAI, grifo nosso).



A Caderneta é, sem sobra de dúvida, um meio de organização bastante positivo. Antes de adotarmos a Caderneta, a nossa relação, principalmente com o que produzíamos no quintal, era algo muito superficial e de um valor insignificante. Saber o que temos, o que doamos, o que trocamos e o que vendemos é algo muito importante. Quando olhamos para os números em reais, que a cada dia anotamos, torna-se motivacional. A Caderneta despertou um interesse maior na gente, nos deixa satisfeitas e nos torna importantes. Ser mulher, agricultora e reconhecer a importância de uma qualidade de vida que temos no campo é algo grandioso. O cenário mudou através do uso da Caderneta, foi uma forma de entender ainda mais o valor que temos e o quanto somos capazes de realizar, de forma consciente e lucrativa, as atividades da roça. (Karolina Alves da Luz, agricultora da Associação das Mulheres de Itainópolis – AMAI, grifos nossos).

Para nós, do Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, contemplados pelo Projeto Viva o Semiárido, com o plano de investimento de quintais e também com a Caderneta Agroecológica, está sendo uma experiência espetacular. Nós já sabíamos que a nossa produção era grande e com muita diversidade. A Caderneta nos ajuda a provar que trabalhamos e produzimos. As mulheres não têm o seu trabalho doméstico reconhecido como trabalho e nem o da produção. Nós trocamos, vendemos, doamos e praticamos a solidariedade (Sonia Maria da Costa Sousa, agricultora da Associação dos Moradores e Pequenos Produtores do Piauí - AMPPEPI, comunidade Serra dos Morros, município de Francisco Santos, grifo nosso).

Para nós, da comunidade Amarra Negro, foi muito importante. As mulheres plantavam e não tinham o controle e agora tem esse controle mês a mês. Isso nos impulsiona a querer plantar mais e ter mais coisas para



anotar na Caderneta a cada mês. Além disso, é importante ter o controle do que a gente planta, do que a gente vende, do que a gente dá. Com isso, a gente aprende que não come só o que compra no supermercado, mas também o que produz nos quintais: desde o chazinho da criança até a fruta que a gente tira, a melancia, o milho. Com ela, a gente tem o controle do que consome e do que gasta (Sandryelle da Silva Ferreira, agricultora da comunidade quilombola Amarra Negro, município de Bela Vista do Piauí, grifos nossos).

Eu achei importante, porque só através dessa Caderneta a gente analisa o que consome dentro de casa. A gente vê o resultado. Não tive dificuldade. Achei muito importante. Tá sendo muito importante. A gente vê o tanto que a gente não compra e que a gente faz do próprio quintal. A gente vê o tanto de dinheiro que a gente não gasta na feira. A gente vê o que é do nosso próprio suor. (Cristina Lima, agricultura da comunidade quilombola Canto Fazenda Frade, município de Oeiras, grifos nossos).

Com relação ao uso da Caderneta Agroecológica, foi um passo muito importante para nós mulheres, porque nos ajudou a ver o quanto a gente é importante. Principalmente as mulheres casadas, o trabalho delas dentro de casa, pros companheiros enxergar e dar valor a elas nesse processo. Isso a gente pode perceber em depoimentos de mulheres casadas. A Caderneta chegou num momento muito bom e ajudou a enxergar esse processo, porque a gente consegue ver melhor. Quando a gente não tem a prática de anotar o que se consome, isso



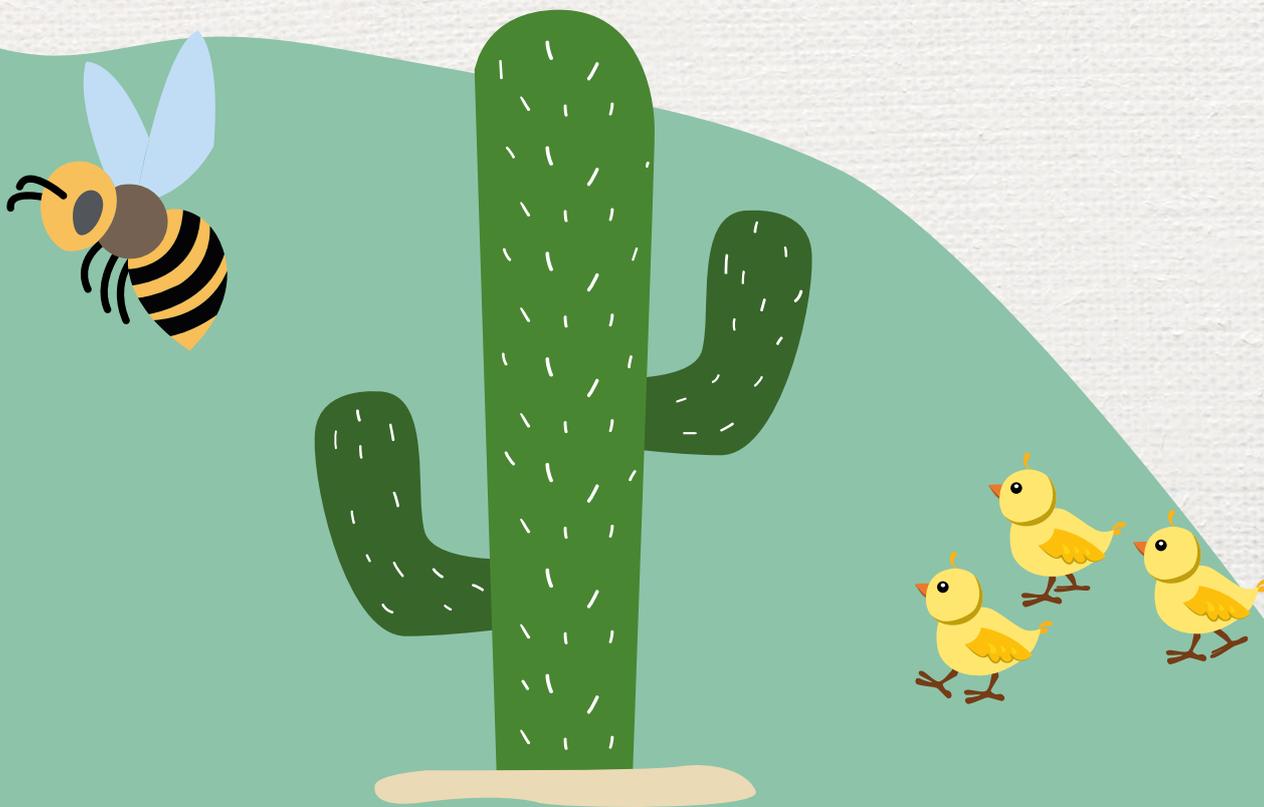
vai se perdendo. Quando a gente faz as contas, percebe o quanto deixou de gastar e o quanto está economizando e se alimentando melhor, né? Nesse processo, a gente pode perceber o quanto a gente doa as coisas e que pouca gente faz esse processo. A Caderneta nos ajudou a ver o quanto a gente é solidário ao próximo, né? As dificuldades no processo, é porque algumas famílias não têm esse costume de anotar as coisas e aí acaba esquecendo de anotar algumas coisas no dia a dia. (Silvia Silva Sousa, agricultora do Assentamento Novo Zabelê e sócia da Associação dos/as Produtores/as Agroecológicos/as do Semiárido Piauiense – APASPI, município de São Raimundo Nonato, grifos nossos).

Antes dessa Caderneta, a gente não tinha noção do quanto a gente gastava por mês. Depois dessa Caderneta, eu descobri o valor que a gente gasta, o valor que a gente consome e o valor que a gente ganha. Foi de grande importância ela ter chegado até nós. A dificuldade com a Caderneta é que tem dia que a gente tá na tarefa tão grande e não consegue marcar todos os dias. Eu aprendi muito com a Caderneta. Pra mim foi uma experiência muito boa, porque ela me ajudou a controlar os gastos do que entra e do que sai em casa. (Antonia Dias Pereira Fonte, agricultora da comunidade Jardim e presidente da Associação das Mulheres Organizadas – AMOR, município de Ipiranga do Piauí, grifos nossos).



Considerando que o Projeto de Uso das Cadernetas Agroecológicas é executado juntamente com as instituições de assistência técnica, a quem cabe manter os grupos produtivos animados e motivados, tirar dúvidas e coletar os dados mensalmente, fez-se necessário e importante ouvir as opiniões das representações institucionais e técnicas sobre os seis primeiros meses de anotações.

Para nós, do Emater, a Caderneta representa uma novidade e um desafio. Uma novidade, porque não era costume da extensão rural aqui no estado ter um instrumento desses. Então, como instrumento, ele é novo. Como metodologia, também. Um desafio, pela necessidade de sensibilizar os nossos técnicos para a importância dessa Caderneta. Ela traz várias reflexões para nós da extensão rural, principalmente para a Diretoria de Educação, porque, até então, a nossa ação e nosso cotidiano era voltado exclusivamente com a produção de roçado e tendo como protagonista o agricultor, que era o “dono do roçado”. A gente não tinha essa experiência com os quintais produtivos, onde são as mulheres que são protagonistas dessa história. Então, nem a gente tinha essa visão de quintal produtivo e nem tinha essa visão da produção das mulheres. Isso, pra gente, é um desafio. E como desafiar os nossos técnicos também a ver a importância desse instrumento? Para nós, é uma nova forma de fazer extensão rural, e uma extensão voltada para as mulheres, e não só voltada para essa coisa monetária, mas também para produção e reprodução da vida e a importância que as mulheres tem nesses espaços. Ela também traz outros elementos



que nós da extensão rural não conseguíamos perceber: que existem outras formas de produção e que existe outra forma de economia, que não só a economia clássica ou aquela em que a renda é considerada a partir da do produto em troca do dinheiro. Existe outra forma de você pensar a economia da unidade familiar e pensar a contribuição que a mulher tem dentro dessa unidade, além da diversidade de produtos. É também um desafio para o estado do Piauí, visto que o mesmo terá dados importantíssimos para pensar políticas públicas voltadas para as mulheres, a partir dos dados levantados pelas Cadernetas. Ela não trata só da produção, ela traz outros elementos que a gente pode discutir com o Estado, como demandas de cuidados com a saúde, trabalho, renda e crédito. Como pensar um crédito voltado para as mulheres? O setor de crédito, dentro da extensão, é outra dificuldade que a gente tem com relação às mulheres. Contudo, há inquietudes sobre o processo de uso da Caderneta: acho que faltou um maior diálogo entre a equipe de coordenação da atividade e as equipes de ATS, discutir melhor a aplicação do instrumento, sensibilizar os técnicos, fornecer mais elementos, de modo que eles pudessem ter a mesma percepção que nós temos. Acredito que havia necessidade de acompanhamento e capacitações contínuas, de promover outras discussões para além de somente a anotação. A prioridade findou sendo o anotar para as mulheres e o coletar dados para os técnicos. Acho que deixou a desejar e devemos ter perdido dados que seriam importantes para nós e para as mulheres. Os dados não foram analisados e nem compreendidos conjuntamente com as mulheres e as ATS. O uso da Caderneta deveria ter tido acompanhamento mais contínuo, mais sistemático, deveria ter tido mais investimento nas capacitações, na sensibilização e



nas análises dos dados gerados. Faltou isso para dar novos elementos e demandas para a assistência técnica, quiçá para dar continuidade à assessoria e não somente as anotações.

Tivemos inúmeras dificuldades no Emater: assistir essas mulheres periodicamente, mantê-las animadas e anotando com frequência, já que não é algo fácil para quem está no campo; que a gestão da instituição compreendesse a importância do instrumento, o que é uma barreira a ser vencida e ainda não conseguimos identificar uma estratégia para isso. É preciso dar conhecimento aos dados coletados e, igualmente, fazer a devolução para ATS e agricultoras. (Marcia Mendes, Diretora de Educação e Extensão do EMATER e coordenadora da atividade de uso da Caderneta Agroecológica na instituição, grifos nossos).

A Caderneta é um instrumento que veio despertar nas mulheres o interesse para produzir cada vez mais produtos agroecológicos, mostrou meios de saída e a valorização dos seus produtos locais. Um projeto que só veio a somar, com experiências, conhecimentos, incentivos, descobertas, parcerias e, o mais importante, mostrar para as mulheres que elas contribuem como trabalho assim como o homem. Tivemos dificuldades com relação a transporte para chegar até essas agricultoras, e também na hora das anotações, pois algumas se confundiam o que era troca, venda, consumo e doação, havia dificuldade também em dizer que não tinham o que anotar, mas conversando e questionando, no final aparecia sempre algo pra anotar. Também houve dificuldade em se comunicar com as agricultoras. Esse é um tipo de projeto que deve ser levado para



outras comunidades, no intuito de incentivar a produzir e ter uma base em real do que é produzido nos quintais. (Lázara Maria Rodrigues de Sousa Santos, Técnica em Agropecuária do Instituto Avance / EMATER e assistente técnica da comunidade Canto Fazenda Frade, município de Oeiras).

As mulheres conseguiram colocar em prática tudo aquilo que viram na oficina de formação. A cada mês, as anotações evoluem, seja no aumento da quantidade ou na qualidade. A maior dificuldade foi para aquelas que não sabem ler. Tenho muito orgulho desse trabalho e conto para todo mundo saber. (Andressa de Oliveira Silva, Técnica em Agropecuária do Instituto Avance / EMATER e assistente técnica da comunidade Serra do Inácio, município de Betânia do Piauí, grifo nosso).

Antes da Caderneta, era tudo muito vago, as mulheres olhavam para os quintais delas e não tinham nem noção que lucravam dali. Quando começaram a anotar e viram, no final do mês, o que comeram e venderam dali, é que perceberam que os quintais são produtivos e geram renda. A atividade é importante para as mulheres pelo fato de valorizar seu trabalho. E, para o Emater, por ver o trabalho concluído e as mulheres produzindo e felizes. Há dificuldades de várias formas: quintais com pouca água para produzir ou aumentar a produção; algumas mulheres com dificuldade de vender a produção; falta de transporte para levar os produtos para vender na cidade; mulheres com dificuldades em fazer o preenchimento, por serem analfabetas e, em consequência, dependerem dos familiares ou da assistência técnica. (Maria Francilda de Lima Coutinho, Técnica em Agropecuária do Instituto Avance / EMATER e assistente técnica das comunidades de Serra



dos Morros e Urupeu, municípios de Francisco Santos e Campo Grande, respectivamente, grifos nossos).

Com a inclusão da Caderneta dentro das comunidades, pode-se observar, tanto a gente quanto a própria família, a valorização do trabalho da mulher. A valorização de um trabalho invisível. As pessoas começaram a ver quanto vale o trabalho delas, que o trabalho delas não é gratuito. Ao mesmo tempo, despertou também a questão da juventude, para ajudar a mãe nas anotações, a ver a valorização do trabalho de casa, o quanto é importante para a família. Para as famílias que não participam desse processo, o trabalho das mulheres torna-se invisível, porque é uma luta do cotidiano. São atividades do cotidiano que, geralmente, o agricultor familiar não valoriza, não contabiliza e assim por diante. A Caderneta veio para as famílias descobrirem a importância do trabalho dentro da casa, na vida financeira da família, nas hortas e assim por diante. Outro ponto é a valorização daquelas pequenas plantas que tem no quintal e que não tinha valor, um pé de acerola, um pé de manga, um canteiro de coentro e assim por diante. Quando se transforma isso em números, quando ela consegue transformar o cheiro-verde que usa todo dia e que vale R\$ 1,50 – R\$ 2,00, a acerola, que ela faz o suco, que ela consegue visualizar que não é só colher no pé e que o litro de suco tem valor de R\$ 3,00 a R\$ 4,00, isso faz com que a família enxergue e observe o valor que tem a atividade que ela exerce também fora de casa, nas hortas, nos quintais. Não é só na geração de renda, se fosse tirar e vender na feira, mas na geração de renda dentro da própria família, porque são recursos que eles não vão precisar investir ali na compra daqueles produtos, o cheiro-verde, da fruta, porque é um dinheiro que circula ali dentro da própria casa. A palavra mais correta com a questão da Caderneta é a visibilidade: do trabalho, do valor do trabalho que as mulheres têm dentro do contexto familiar. (José Antonio Lima, Engenheiro Agrônomo da EMPLANTA e assistente técnico da comunidade Tapuio, município de Queimada Nova).

O uso da Caderneta é importante para as mulheres por ser uma ferramenta que demonstra seu trabalho, sua importância nas atividades agrícolas e o quanto têm ajudado na renda familiar.

Com essa ferramenta, elas conseguem enxergar a importância das anotações da sua produção. Uma das maiores dificuldades encontradas pela ATS é a falta de motivação das mulheres para as anotações. Seria importante um acompanhamento mais de perto, mas não há tempo disponível, já que a ATS acompanha diversos projetos produtivos. Outro desafio é a evasão das mulheres, que desistem pela falta de tempo, por não saberem escrever e depender de outras pessoas para anotar os dados. (Naiara Cardoso, Engenheira Agrônoma da COOTAPI e assistente técnica das comunidades de Jardim e São José dos Cocos, no município de Ipiranga do Piauí, grifos nossos).

Considero importante o uso da Caderneta, pois ajuda a entender a quantidade e diversidade da produção, assim como os valores do consumo e da venda. Percebe-se que o grupo continua estimulado e valorizando a ferramenta, necessária para a organização da produção, do grupo e da renda das mesmas. Até o momento não houve nenhuma desistência. O grupo tem necessidade de assistência técnica para orientar a produção nos quintais. Alguns desafios: compreender e registrar os preços dos produtos, além de manter assiduidade diária nas anotações, evitando que as mesmas se percam. (Neuma Borges, técnica da URGP Serra da Capivara, atuando no apoio ao Uso da Caderneta Agroecológica à APASPI, no Assentamento Novo Zabelê, município de São Raimundo Nonato, grifos nossos). A caderneta proporciona visibilidade, o quanto as mulheres contribuem na geração de renda da família. Trabalho este que não é reconhecido. Também registramos da oportunidade de aprendizado para COOTAPI, de mais uma metodologia de trabalho que gera a autonomia das mulheres rurais. (Edinalva Costa, Presidente da Cootapi, grifo nosso).





O Projeto Viva o Semiárido (PVSA), ao oportunizar condições efetivas que fomentam as capacidades organizativas – de inclusão produtiva, geração de trabalho e renda, acesso a mercados, qualificação para o trabalho, educação e empoderamento de grupos produtivos em consolidação e grupos sociais historicamente excluídos do processo de desenvolvimento e do acesso a políticas públicas, como mulheres, jovens e quilombolas – contribui efetivamente para a mudança da realidade rural piauiense, com melhoria da qualidade de vida do público atendido pelo Projeto, ao tempo em que qualifica e difunde estratégias e soluções para a convivência com o Semiárido.

O registro das estratégias e ações executadas pelo Projeto, materializadas na série de publicações que compõe o segmento de Gestão do Conhecimento, visa documentar as iniciativas exitosas e as lições apreendidas a partir da ação do Governo do Piauí em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e com o apoio técnico do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). De igual modo, as publicações documentam o legado do PVSA, na perspectiva de orientar a implementação de novos projetos.

O Governo do Piauí, por meio das ações da Secretaria da Agricultura Familiar (SAF), reitera seu compromisso para com as populações rurais, acreditando na força de transformação dos grupos camponeses e de suas organizações representativas, quando lhes são dadas oportunidades de assumirem o protagonismo de transformar suas realidades, como é o PVSA. A SAF continuará cumprindo sua missão de apoio e fortalecimento da Agricultura Familiar e suas organizações, estimulando a produção de alimentos limpos, saudáveis e nutritivos, dinamizando e fortalecendo as economias locais.

